

EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E A ANPED: UMA HISTÓRIA EM MOVIMENTO

PRETTO, Nelson de Luca – UFBA – www.pretto.info

GT: Educação e Comunicação / n.16

Agência Financiadora: CNPq

Introdução

[...] lembro de, em 1990, ver nas paredes da Universidade Federal de Santa Maria, uns cartazes escritos a mão pelo Nelson chamando para uma reunião e possível criação do Grupo de Estudo Educação e Comunicação. Lembro ainda da Mirza e Mariazinha (saudades!) na reunião [...]. Tania Esperon Porto – UFPel, na lista de discussão do GT16

De 1990 até hoje, muitas coisas aconteceram no mundo, no Brasil, em Caxambú/MG¹ e, também, claro, na Anped e no *GT16 – Educação e Comunicação*. Como parte desse processo, fui instigado pela atual coordenação desse GT a pensar um pouco sobre esse percurso. A demanda foi explícita: "como um de seus fundadores, seria muito bem-vinda uma reflexão de nosso colega sobre o que tem sido o trabalho deste GT, a que objetos e problemas nossos estudos vêm sendo dedicados, quais os aportes vimos utilizando para lidar com as relações entre educação e comunicação, em que avançamos nesses 16 anos de existência e em que precisamos avançar para consolidar nossos conhecimentos e práticas."²

Desafio posto, parti para a busca do já feito. Inspirado em trabalhos anteriores que buscaram não só analisar a produção desse GT, como também um pouco do que vem acontecendo na Sociedade Brasileira de Estudos da Comunicação (Intercom) e também do produzido nos nossos Programas de Pós-Graduação, início este trabalho, exatamente pela pergunta que encerra o texto de Raquel Barreto *As tecnologias da informação e da comunicação na formação de professores*, a saber: "que outras leituras poderiam ser feitas?" (BARRETO e GUMARÃES, 2006, p. 41).

Iniciamos, portanto, e a partir daqui o plural não será apenas formal, mas corresponderá a um movimento feito ao longo desses anos e, mais particularmente para essa etapa do trabalho, pelos integrantes do grupo de Pesquisa Educação, Comunicação e Tecnologias

¹Cidade onde se realizam as Reuniões Anuais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa (Anped), desde o ano de 1992.

² Mensagem de Rosália Duarte (PUC/Rio), coordenadora do GT 16, em 05/03/2007.

(GEC)³, na Faculdade de Educação (Faced) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Este trabalho insere-se, assim, numa perspectiva maior de pesquisa, com o apoio do CNPq, que desenvolvemos desde 2003.⁴

O percurso do GT16: pontos nos is

No verão de 1967, os hippies foram celebrados pelos meios de comunicação de massa. O ano de 1977 foi o do punk rock. Em 1997, a cibercultura se tornou hegemônica com a explosão das ponto-com. (E, claro, absolutamente nada aconteceu nos anos 1980).

Ken Goffman

Enquanto isso, no Brasil, ao longo, exatamente, da década de 80, vivia-se um momento de certa euforia com a perspectiva de redemocratização em curso, o que levava professores, pesquisadores, servidores e estudantes das universidades brasileiras, particularmente das públicas, a resgatar, de forma mais intensa e explícita, alguns dos temas que, ao longo dos últimos anos, estavam, digamos assim, um tanto quanto sufocados. No campo da educação, acabava-se de passar de uma forte influência dos movimentos populares, que se reorganizavam, com inúmeros autores e instituições buscando retomar um vínculo mais forte com as classes populares, como uma alternativa ao intenso movimento behaviorista que dominou a pesquisa e a pós-graduação em educação no país nos tempos anteriores a essa década.

Era um tempo de retomada de diversas ações, de reorganização de vários movimentos sufocados pelo período da ditadura militar, que se implantou no país desde 1964. Apesar da década de 80 ter sido de paradeiro no movimento contracultural mundial (GOFFMAN, 1980), aqui, isso pode configurar-se como uma espécie de esquentamento de motores para novas rearticulações na sociedade, na universidade, na pós-graduação e na educação. A Anped também viveu esse momento.

Foi no ano de 1989 que iniciamos as articulações para a criação de um Grupo de Trabalho que tratasse da relação da *Educação com a Comunicação* na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped). Mas nos parece que vale a pena voltar no tempo, resgatando a própria história da Pós-Graduação no Brasil, que segundo Jamil Cury (2005), tem até uma data de nascimento: 03 de dezembro de 1965, data do parecer nº 977 do então Conselho Federal de Educação (CFE), cujo relator foi

³ <http://www.gec.faced.ufba.br>

⁴ *Políticas Públicas Brasileiras em Educação e Tecnologia da Informação e Comunicação e Políticas Públicas Brasileiras em Educação e Tecnologia da Informação e Comunicação: superando as tecnologias educacionais*

Newton Sucupira. Para Jamil Cury, "pode-se afirmar que, do ponto de vista doutrinário, em matéria oficial, esse parecer continua sendo a grande, senão a única referência sistemática da pós-graduação em nosso país." (CURY, 2005, p. 10). Portanto, a pesquisa e a pós-graduação no Brasil começam a se implantar de forma mais institucional, justamente no período da ditadura militar, período esse que coincide, não meramente por acaso, com a explosão do sistema de comunicação de massa, mais especificamente, com o nascimento da Rede Globo de Televisão, em 1965, fruto de acordos internacionais que já articulavam, de forma intensa, uma tendência, que viria a se intensificar, de forte internacionalização do sistema de comunicação, ao mesmo tempo que dava início a um processo exagerado de construção de verdadeiros monopólios da comunicação no país, não diferente do que vinha – e continua – a acontecer em todo o mundo (HERZ, 1987; FOLHA, 2001, p. A4).⁵

Era incipiente a pesquisa em educação, até a década de 70, segundo o histórico texto de Aparecida Joly Gouveia, no número de estréia dos *Cadernos de Pesquisa* da Fundação Carlos Chagas, em julho de 1971. Em *A pesquisa Educacional no Brasil*, Aparecida Gouveia apresenta a "flutuação" na orientação dos trabalhos, caracterizando três tendências que, "sob o rótulo de pesquisa, têm sido produzidos nas instituições", no campo da educação (GOUVEIA, 1971, p. 2). Segundo ela, essas "tendências" estão vinculadas a períodos cronológicos e estariam assim distribuídos: no "primeiro período" (anos 1940/1950), "os estudos são, predominantemente, de natureza psicopedagógica" (p. 2); no segundo (1956/1964), "a ênfase deslocava-se, assim, para estudos de natureza sociológica" (p. 3); e, no terceiro, (1964/1971), "esboça-se a predominância de estudos de natureza econômica" (p. 4). A partir dessa constatação, a autora realiza uma análise da produção acadêmica no campo da educação e considera duas grandes categorias para essa análise: os **temas** investigados e as **metodologias** utilizadas. Para o espectro desse trabalho, vale a pena resgatar, também, a análise de Gouveia sobre a dificuldade do campo educacional em se deparar com o tema das inovações. Segundo ela, "estudos sobre métodos de ensino e recursos didáticos são bem menos freqüentes. Mais raras, ainda, são as tentativas de avaliação sistemática de inovações". (GOUVEIA, 1971, p. 7).

Percebe-se claramente, da análise do referido artigo, que a luta política em termos de campos de pesquisa e o prestígio de determinadas disciplinas (e acrescentamos, de pesquisadores) já se configurava, porque, segundo ela, essa "flutuação" também estaria vinculada "ao desenvolvimento e prestígio de diferentes disciplinas - psicologia, sociologia, antropologia e economia - nos países dos quais somos intelectualmente dependentes" (1971, 4). Conclui a autora que esse predomínio de uma área sobre outra

⁵Herbert Ungerer, chefe do Departamento Antitruste da Comissão Européia, no jornal *Folha de São Paulo* de 23.09.01 (página A4) é categórico: "Há mais ou menos 250 processos sobre fusões e aquisições por ano. [...] Além disso, temos, nesse momento, mais de mil processos para investigação

pode prejudicar a pesquisa em dois sentidos: "em primeiro lugar, não se chega a colher os frutos de uma tradição de trabalho suficientemente amadurecida; em segundo lugar, não se criam as condições necessárias para a realização de projetos interdisciplinares" (1971, p. 4/5).

Nesse contexto nasce a Anped, em 1977, e seus primeiros anos de vida foram marcados por uma dualidade expressa em diversos artigos, entre os quais o de Alceu Ravello Ferraro, presidente da entidade por duas vezes, publicado na Revista Brasileira de Educação (RBE), comemorativo dos 40 anos da Pós-Graduação no Brasil. Essa dualidade se manifestava em duas frentes:

questões científicos-educacionais X questões políticas

expansão X elitização

Os dilemas apresentados são significativos para a história da Anped e, principalmente, para uma melhor compreensão das dificuldades vividas pelos grupos emergentes, como foi o caso do *GT Educação e Comunicação*.

Em artigo de 1985, o professor Pedro Goergen apresentava uma análise do que ele classificava como sendo uma dificuldade da divulgação científica, especialmente no campo da educação, uma vez que, essas dificuldades estavam associadas a três níveis distintos: "primeiro, a qualidade das pesquisas; segundo, a responsabilidade social do pesquisador, e, finalmente, a falta de recurso e meios adequados de publicação" (GOERGEN, 1985, p. 202). Ao propor alguns "caminhos alternativos" Pedro Goergen indicava a necessidade de aprimorar a divulgação das pesquisas dentro das universidades e dos demais níveis do sistema. Para ele, tornava-se necessário "o uso dos meios de comunicação de maior penetração entre as camadas mais amplas da população. Aqui, está quase tudo por fazer" e "é urgente que o setor da educação acorde e comece a usá-los" (Goergen, 1985, p. 211/212). A dificuldade apontada e a distância da educação dos meios de comunicação, tanto em termos da investigação sobre os mesmos, como do seu uso para se dar mais visibilidade ao que pesquisávamos, foi objeto de nossa ação, na Universidade Federal da Bahia, ainda atuando no Instituto de Física, quando começamos a estudar a divulgação científica e as possibilidades de uma relação mais intensa entre a educação e a comunicação, particularmente através da temática Livro Didático. Nesse particular, desenvolvemos uma ação conjunta (Instituto de Física e Faculdade de Educação) com diversas outras Universidades Estaduais, para a organização dos Encontros do Livro Didático da Bahia (1984 e 1985). Isso, seguramente, mereceria um tratamento à parte o que, obviamente, não será dado aqui. Esse movimento me levou, a convite de Vanilda Paiva, para o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), em Brasília, onde assumi a Coordenação de Estudos e Análises. Para além do livro didático, começamos no INEP a pensar em outros campos que buscassem dar uma amplitude maior nas investigações educacionais. Com Pedro Demo e Acácia Kuenzer, além da busca de elaboração de uma política

de abusos por acordos empresariais ou por posição dominante do mercado".

pública para o livro didático, com forte envolvimento de pesquisadores das universidades brasileiras, – ação malsucedida, é bem verdade, pelas forças não tão ocultas do mercado! –, começamos a olhar mais atentamente para temas como *Educação a Distância e Televisão e Educação*. No primeiro caso, resgatamos algumas experiências como a do *Projeto Saci*, implantado no final da década de 60, no Rio Grande do Norte (ANDRADE, 2005; SANTOS, 1981), além de termos participado de iniciativas do MEC, através da Secretária Geral, e do Ministério das Comunicações, em grupos de trabalho para retomar a possibilidade de uso do satélite na educação a distância. Em paralelo, começamos uma saudável aproximação com a Fundação Centro Brasileiro de Televisão Educativa (Funtevê), responsável pela coordenação do sistema de televisões educativas do país, na época parte da estrutura do MEC, mas que não conseguia promover uma efetiva integração com os demais setores do próprio Ministério da Educação. Essa, certamente, é uma bela e trágica história que mereceria ser detalhada mas, lamentavelmente, aqui não será possível. Não obstante essas dificuldades, o INEP e a Funtevê estabeleceram uma boa aproximação viabilizando uma ação conjunta que nos possibilitou uma aproximação com Silvia Magaldi, Rosa Maria Bueno Fischer, Azuete Fogaça, entre outras profissionais da educação que trabalhavam na Superintendência de Educação da Funtevê, no Rio de Janeiro, no "outro lado" da Rua Gomes Freire. Perdoe-me dispersar um pouco, mas é irresistível não atentar para o fato de que esse "outro lado" nada mais é do que uma simbólica e contundente divisão entre a televisão (a comunicação), que ocupava o prédio ao lado direito da rua Gomes Freire, onde estavam localizados os estúdios, transmissores e tudo mais da televisão, e a educação, que ficava do lado esquerdo da rua, bem em frente, fazendo com que a "conversa" entre esses dois campos se transformasse em um diálogo um tanto quanto difícil, bem sabido pelas colegas que lá estavam, uma das quais, Rosa Fischer, coordenadora do GT no período 2004 a 2006. Naquele tempo conseguimos, INEP e Funtevê, organizar em Brasília o *I Encontro Brasileiro de Televisão e Educação*, no Hotel Nacional, em 1987, no qual foi possível reunir profissionais da televisão, da cultura, da engenharia e da educação, em saudáveis e produtivos debates. Lembre-se que falamos da segunda metade da década de 80 do século passado.

Esse esforço de ação conjunta nesse campo, terminou me levando de fato para a Funtevê, no Rio de Janeiro, a convite de Silvia Magaldi, para trabalhar com ela na Superintendência de Educação, justamente com o objetivo de conhecer como as universidades brasileiras estavam se debruçando sobre as questões da comunicação, mais particularmente do vídeo e da televisão, e buscar implementar mecanismos de apoio para tal. Depois desse período, em 1990, iniciei o doutorado na Escola de Comunicações e Artes na USP, sob a orientação de Ismar de Oliveira Soares; com isso, foi ficando mais claro que a temática que relacionava a educação com a comunicação necessitava de uma maior articulação e que a Anped deveria ser, exatamente ela, com os conflitos já relatados anteriormente, um importante espaço para abrigar essas discussões.

Acompanho e participo da Anped desde uma das suas primeiras reuniões, que aconteceu em Salvador, na Casa de Retiro São Francisco. Desde aquela época, percebíamos, eu ainda aluno do Mestrado em Educação e Iracy Picanço na época minha orientadora, que a Anped fechava-se demasiadamente ou, quem sabe, tenha já nascido fechada e assim desejava continuar. Lembro-me, com Iracy, das discussões em Salvador, e depois em Belo Horizonte, tanto na Fundação João Pinheiro como na Faculdade de Educação da UFMG, sobre a necessidade de ampliação do raio de atuação da Anped. Vivíamos, é

bem verdade, uma profunda crise de identidade, manifestada nas assembléias gerais e nas diversas conversas de corredores. Hoje, ao analisar a documentação disponível sobre esta história, percebe-se claramente que aqueles pontos conflituosos apresentados no início deste texto foram determinantes para o futuro da Associação e dos seus Grupos de Trabalho, entre os quais o de *Educação e Comunicação*.

A diretoria da Anped nesse período (1989–1991), encabeçada pelo professor da Faculdade de Educação da UFRGS, Alceu Ravello Ferraro, propunha-se, entre outras questões, "redefinir as características das reuniões anuais da Anped, como também a dinâmica dos Grupos de Trabalho" (FERRARO, 2005, p. 56). Essa diretoria também se propunha a "estudar a viabilidade da participação mais efetiva dos alunos da pós-graduação" o que mostrava, obviamente, o caráter elitista da Associação que, até esse momento, imaginava poder se constituir como espaço de pesquisa e pós-graduação, sem a presença daqueles que compunham os Programas, ou seja, seus professores e, claro, seus alunos de pós-graduação, muitos dos quais, em função da própria ação tardia da pesquisa na área, já professores das universidades brasileiras. As discussões no período foram longas e os depoimentos, hoje colhidos, mostram-nos, à distância, o turbilhão que vivíamos. Foi nesse contexto que ousamos pensar, juntamente com outros colegas, a criação de mais um grupo na Anped, de uma área *esquisita* para a educação como era a comunicação. Além disso, a liderança desse movimento era de um "mero" estudante de pós-graduação. Blasfêmia!

Analisando os boletins da Anped, de 1989 a 1992 – período do início da mobilização para a criação do GT - constatamos que os mesmos apontam para uma possível crise da própria Associação, que pode ser claramente observada pelas atas das assembléias, muitas delas por nós acompanhadas. Em 1989, acontece uma importante reunião⁶ para avaliar a Anped e, merece destaque, o dito sobre os GT. O documento (Anped, 1990, p. 90, grifos nossos), originalmente estruturado em duas colunas, não podia ser mais direto: **"Os GTs encontram-se em crise ..."** e **"A Anped não pode sustentar uma lógica de proliferação de GTs, tampouco a superposição e fragmentação de questões centrais da área."**

Os Boletins analisados indicam que essa crise tinha, pelo menos, dois pontos centrais: a precariedade de recursos para o custeio da própria Associação e, principalmente, das reuniões anuais, e a pseudo dualidade científico – política.

A crise ocorria em um momento de profunda agitação no país, em função do que vinha sendo implantado pelo presidente eleito em 1989, um presidente fabricado pela mídia, mais particularmente pela Rede Globo de Televisão. O "caçador de marajás" de Alagoas, Fernando Collor de Melo (1989-1991), assumiu a Presidência da República em 1989, promovendo confisco de dinheiro nos bancos e defendendo um gigantesco processo de privatizações, dando início à onda neoliberal⁷, com reflexos profundos para a educação.

⁶ Realizada na PUC de São Paulo entre os dias nos dias 30 de novembro e 1º de dezembro de 1989 com o objetivo de "Avaliar e Planejar a Anped" reunindo a nova Diretora da Anped, ex-presidentes, coordenadores dos GTs, representantes da Anped junto ao Programa Integrado Educação e Sociedade (PIES), coordenação do Programa de Intercâmbio e representantes do Programa Avaliação, totalizando 24 pessoas. (ANPED, 1990, p. 90).

⁷ Conforme entrevista de Ricardo Antunes, em http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/agosto2004/ju263pag11.html. Acesso em 20/06/2007.

Os Boletins explicitavam isso com todas as letras: "A Anped como um todo e em especial alguns GTs viram-se profundamente envolvidos com questões conjunturais como a Constituinte, a LDB, etc, **chegando a sobrepor-se em certa medida a preocupação política ao caráter científico da**". (ANPED, 1990, p. 90, grifo nosso).

A crise era evidente e relacionada, fundamentalmente, com a dicotomia *estatuto científico e atuação política*, não distante da dicotomia *elitismo – ampliação de participação*. Justamente nesse contexto, começamos a mobilização para a criação de um novo GT. Ao mesmo tempo, também o professor da Faculdade de Educação da UFRGS, Tomás Tadeu, propunha o de *Sociologia da Educação*, e a professora Elcie F. Salazno Masini, da Universidade de São Paulo, o de *Educação Especial*.

O nosso movimento nasceu na 13ª Reunião Anual, que acontecia na Faculdade de Educação da UFMG, em Belo Horizonte, entre 15 e 19 de outubro de 1990, através de uma mobilização de pesquisadores envolvidos na Anped, alguns dos quais apenas tangenciavam a nossa temática central, por uma razão simples: a comunicação, tecnologias e temas correlatos não existam na Anped, apesar de já estarem presentes em alguns Programas de Pós-Graduação. Tivemos que buscar apoio de pessoas que, atuando em outros campos da pesquisa educacional, percebiam que esses temas constituíam importantes desafiadores elementos para a educação.

Assim, durante a 13ª Reunião Anual citada, um grupo de sócios reuniu-se em paralelo à programação oficial, usando as salas livres e os corredores da Faculdade de Educação da UFMG⁸ e, no dia 17/10/1990, com cerca de 15 pesquisadores e estudantes de pós-graduação interessados na temática, foi realizada a 1ª reunião. De acordo com minhas notas pessoais, encontramos os nomes dos primeiros envolvidos: Elza (UFMG e FAE), Dayse (mestranda da UERJ), Francisco (FAE/UFMG), Arielardo (UFBA, mestrando), Rogério (FAE, graduação), Tânia (UFRN), Stela (UFBA/Faced, doutoranda), Felipe (UFBA/Faced), Mirian (UERJ), Odete (UERJ, mestranda), Magda (UERJ, mestranda), Armando (UFF, Mestre), Solange (UERJ, mestranda) e Adriana (UFMG e FAE, graduação).

Desde esse momento considerávamos de fundamental importância pensar na programação do GT com apresentação de pesquisas, experiência e mostra de vídeos, fazendo-se um esforço para identificar profissionais que investigavam os temas nos Programas de Pós-Graduação em Educação, como em outros programas, especialmente os de Comunicação, pois sabíamos que ali havia uma preocupação com a temática, e isso poderia ser um catalizador para o movimento na/da Anped.

Pelas áreas de atuação dos primeiros envolvidos com o incipiente GT, percebemos que as pesquisas abordavam os seguintes temas: Televisão, TV e a criança, História da educação, particularmente o uso de imagens (fílmica e fotográfica) como fonte de pesquisa histórica, políticas dos meios de comunicação e o uso do vídeo como instrumento de pesquisa. De certa forma, esse núcleo original, que não foi exatamente o mesmo que se manteve nas primeiras sessões, concentrava seu foco em duas grandes

⁸ A memória me trai; contudo, tenho forte registro de que isso acontecia não na Faculdade de Educação, mas nos amplos salões da entrada da Fundação João Pinheiro, com seus confortáveis sofás, onde ficávamos articulando os encontros e as possibilidades do novo GT. Trago essa dúvida, pois, com todos que conversei para elaborar este texto, não ficava claro onde e quando aconteciam esses encontros. Como na Ata da Reunião Anual, está dito que ela aconteceu na UFMG, deixo aqui, em nota de pé de página, este registro de memória para futuras conversas e esclarecimentos.

frentes: *meios de comunicação e análise das imagens*. Com essas idéias em processo de articulação, foi apresentada formalmente a proposta à Diretoria da Anped, em 18.10.1990, com uma exposição de motivos, seguida de 22 assinaturas. Levamos à assembléia geral um documento onde apresentávamos as nossas principais idéias, comprometendo-nos em fazer uma articulação em nível nacional, no sentido de que, em 1991, pudéssemos já realizar uma sessão deste novo GT com a apresentação de resultados de pesquisas, experiências e produções. Insistíamos que era fundamental formalizar a criação do GT *Educação e Comunicação*, após termos tido condições de reunir um número significativo de pesquisadores na área e, principalmente, de já estarmos em trabalho. Para isso, queríamos apoio institucional da Anped. Em outras palavras, defendíamos o caráter indutor da Associação – e de sua Diretoria – na busca de cobrir temas que **necessitavam** ser discutidos e pesquisados na academia e, não só, que **refletissem** esse movimento. Baseados nisso, solicitamos que a assembléia geral aprovasse o nosso pedido de funcionamento em caráter provisório. A referida proposta foi aprovada, após muita luta, e demos início ao trabalho desse novo GT com a circulação de um Boletim⁹. Fomos autorizados a funcionar em “caráter experimental” (ANPED, 1990, p. 84).

A Ata da assembléia geral, ocorrida aos 19 dias do mês de outubro de 1990, aponta duas curiosas situações, relativamente contraditórias. De um lado, segundo pronunciamento de Miguel G. Arroyo, então Secretário-Geral, “[...] a Diretoria está comprometida em consolidar os GT, buscando recursos para oportunizar encontros de intercâmbio não só na Reunião Anual, mas durante todo o ano” (ANPED, 1990, 80) ao tempo que percebia-se uma resistência para a criação de novos GT. Na mesma Ata, podemos ver que,

com relação aos GTs, os coordenadores apontaram para a necessidade da definição de critérios para analisar o número de GTs e as propostas de formação de novos GTs e, igualmente, avaliar a produção dos GTs já existente e a pertinência ou não de sua continuidade. Da mesma forma discutiram sobre o recorte temático dos GTs, refletindo no sentido de que é preciso ter um mínimo de critérios e uma política de flexibilidade, para que a própria vitalidade da pesquisa da produção se articule com os GTs e, ao mesmo tempo, ter cuidado para não pulverizar tanto os GTs de forma a transformar a vitalidade em esterilidade. (ANPED, 1990, p. 81)

Podemos compreender, o que já percebíamos desde aquela época, que uma das razões encontradas para a não concretização de novos GT, estava ligada ao quesito apoio. Nesse particular, a crítica e a dificuldade apresentada era que o professor que liderava esse movimento não estava envolvido diretamente em programa de pós-graduação já que, no momento, estava realizando o doutorado na Universidade de São Paulo. Obviamente, nada disso foi simples, e não tinha a ver somente com a nossa proposta.

⁹ Segundo registros de Mirza Toschi, alguns Boletins circularam, enviados pelo correio, em "outubro de 90 (feito em impressora matricial), março de 91, julho de 92, julho de 93, abril de 95, abril de 96 e junho de 97" (Toschi, 2001, p. 5).

Nessa mesma reunião, conforme a referida Ata, "o terceiro ponto da pauta – a continuidade do processo de avaliação e reestruturação dos GT – **suscitou acalorado debate**, com muitas intervenções". (ANPED, 1990, p. 82, grifo nosso). Após esses calorosos debates, não transcritos na Ata, foi aprovada "uma proposta que procurou, por consenso incorporar as questões levantadas no debate" (ANPED, 1990, p. 83) e, com isso, além das demais questões relativas a todos os GT, indicava que "o processo de criação de novos GT, nesta Reunião, obedeça ao regimento em vigor" (ANPED, 1990, p. 84), ficando os três novos GT propostos funcionando "em caráter experimental", com um adendo do "Professor Alceu (que) alertou para a necessidade de se trabalhar a definição dos critérios de avaliação dos GT em caráter experimental e sua aprovação posterior" (ANPED, 1990, p. 84).

Entre a reunião de Belo Horizonte e a 14ª, que aconteceria em 1991, na Faculdade de Educação da USP, muita coisa aconteceu. Era um momento de grande efervescência política, a crise já referida estava no seu momento máximo. Após muita polêmica, a Anped decidiu que a sua 14ª reunião anual aconteceria na mesma semana daquela que foi a última Conferência Brasileira de Educação (CBE), na USP. Nós, dávamos continuidade ao trabalho do GT ("em caráter experimental") porque a idéia maior do grupo inicial era a de buscar se construir num espaço de articulação e de aproximação dos educadores, e destes com profissionais de outras áreas do conhecimento, para que, num processo de sistematização do saber produzido, pudéssemos fazer, efetivamente, avançar as pesquisas em Educação preocupadas com a Comunicação. Assim, desde 1990, já atuávamos efetivamente como um grupo preocupado com a temática e, nessa reunião em São Paulo (1991), já estiveram reunidos 19 pesquisadores, apresentando 13 trabalhos escritos e um vídeo, com a presença de 13 Instituições de Ensino Superior, a saber: UFMG, UFGO, UFRJ, UFBA, UFPE, UFSM, UFCE, UFRGS, USP, UERJ, UCP, UnB e Faculdade Anhembi Morumbi/SP. (ANPED, 1991, p. 60), consolidando esse novo campo na Anped, campo esse que estava mais próximo da Comunicação do que da Educação, como foi mostrado logo no primeiro trabalho denominado *Educação e Comunicação, cruzando caminhos?! (PRETTO, 1991)*.

Mas, nem tudo foi simples. Para nossa surpresa, nessa Reunião, descobrimos que éramos *Grupo de Estudo*, figura que desconhecíamos na estrutura da Anped e que, da leitura que se faz hoje, também não foi adequadamente explicitada a razão dessa denominação "menor", que hoje aparece hoje na *home-page* da Anped com o seguinte detalhamento: "Os Grupos de Trabalho - GT - congregam pesquisadores interessados em áreas de conhecimento especializado da educação. Para serem constituídos, os GT precisam ter funcionado durante 2 anos no formato de Grupos de Estudo, com aprovação prévia da assembléia geral.". Na busca de compreender o nascimento dessa figura intermediária de agrupamento na Anped, consultei por *email*¹⁰, para este trabalho, vários sócios antigos da Anped e, segundo a atual Presidente, Marcia Angela Aguiar, "no registro feito por Julieta Calazans até setembro de 1995 não consta GE na estrutura

¹⁰ Mensagem eletrônica de 12/06/2007 21:57

formal da Anped"¹¹. Sentimo-nos honrados pelo fato de termos inaugurado esta douta figura! De Estudo ou de Trabalho, pouco importava. Acreditamos que os GT precisavam promover um contato permanente entre os seus pesquisadores, e a reunião anual se constituiria, dessa forma, apenas no momento do encontro físico entre essas pessoas, oportunizando um aprofundamento das discussões que aconteciam em outros meios de comunicação. Pensávamos, desde o início, em criar outras formas de interação entre os participantes e isso incluía, como já dissemos, o Boletim impresso, uma lista na internet (lembre que ainda escrevamos internet com i maiúsculo!) e a realização de encontros intermediários uma vez que "antevíamos" a necessidade de intensificação da perspectiva **rede** que, depois, viria a ser um dos elementos mais fortes do nosso campo de pesquisa (e atuação). Além disso, os primeiros movimentos do grupo já indicavam a necessidade de promoção de apresentações de vídeos, filmes e fotografias, lançamentos de vídeos e *softwares* educativos, considerando-os produtos tão importantes para a educação como os livros e revistas impressos. Em 1998, o GT levantou a questão do uso da internet pela Anped e propôs, através de Vani Kenski, à presidente Maria Malta a criação de uma *home-page* para a Associação, com a aquisição de um domínio próprio para a Associação. Podemos dizer que a Anped ocupou um lugar no ciberespaço, com o registro do domínio "anped.org.br", a partir da "pressão" do GT 16 que, inclusive, desenvolveu a primeira página da Associação na internet, através da própria Vani, com o auxílio de Julia Kenski e Poliana Notargiacomo.

Voltando aos primeiros momentos do GT16, acreditamos ser importante resgatar aquelas primeiras reflexões, que buscavam provocar a nossa discussão. Iniciávamos o primeiro texto do GT com uma citação de Marília Franco, professora da Escola de Comunicação e Artes da USP, para provocar – era essa a palavra, em minha opinião – os colegas, visando uma maior reflexão sobre o campo de intersecção entre a educação e a comunicação. Dizia Marília:

Só pode ter sido o inconsciente coletivo dos educadores que determinou além mar e aqui também, cortar o fascínio para afastar o perigo. Essa postura determinou o enclausuramento do universo da educação formal à influência das linguagens audiovisuais e a construção de um modelo próprio de fazer mover-se o mundo, de mentirinha, numa sala escura com uma tela iluminada. Estava criado, pois, o cinema educativo. (FRANCO, 1988, p. 38).

O texto foi apresentado e distribuído mimeografado (lembrem o que era isso?!) na 14ª Reunião Anual, onde pretendíamos mostrar que a temática das tecnologias estava longe das Faculdades de Educação e isso poderia ser grave para, especialmente, a formação dos professores.

Recupero fragmentos daquele texto, atualizando-o, por considerá-lo importante nesse momento. Estávamos em 1990 e já tínhamos clareza, o que foi se intensificando ao longo da última década do século XX, que os meios de comunicação de massa estavam desempenhando um papel significativo na formação do povo brasileiro. Discutia-se

¹¹ <http://www.anped.org.br>. Acesso em 20/05/2007

profundamente a democratização da informação, a propriedade e a ideologia veiculadas aos e nos meios de comunicação, especialmente quando se falava da mídia eletrônica. No entanto, a escola ainda tinha medo destes meios, afastava-se deles. "Na década de 70, passou pelo encanto e desencanto da tecnologia educacional. Hoje, assiste perplexa à presença e à concorrência destes meios" (PRETTO, 1991, p. 1). Mais do que isso, percebíamos, naquela época, que as tecnologias de comunicação estavam quase que invadindo as escolas por uma pressão da indústria de equipamentos, "sem um movimento da área educacional para a sua necessária incorporação crítica. Na verdade, não existe nem o preparo mínimo necessário para a sua pura e simples utilização" (PRETTO, 1991, p. 2).

O que propúnhamos que essa temática deveriam estar sendo pesquisadas pelos educadores para poder cruzar os caminhos da educação com a comunicação.¹²

Foi então que resolvi fazer um levantamento das teses e dissertações, consultando as Secretarias e Bibliotecas dos Programas de Pós-Graduação (Educação e Comunicação) da Universidade de São Paulo (USP) e a Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Sabia que essa não era uma mostra das mais representativas em termos nacionais, mas essas duas universidades tinham uma grande produção teórica, tanto no campo da educação como da comunicação. Fiz esse levantamento somente a partir dos títulos (e de alguns resumos, quando necessário), vendo o que foi produzido pelas Faculdades de Comunicação e de Educação, de 1971 até 1990. Os dados indicavam que das 49 dissertações ou teses produzidas nas duas instituições, 19, ou seja, 38,8% foram pesquisas das Faculdades de Educação que tratavam da relação educação-comunicação, enquanto 30, ou seja, 61,2%, foram realizadas nas Escolas de Comunicação. Mais ainda, se observarmos toda produção dentro de cada área, constatamos que do total de 1.124 dissertações e teses produzidas nas Faculdades de Educação da UFRJ e da USP, apenas 1,7 % tinha como objeto de estudo a relação da educação com a comunicação, enquanto nas Escolas de Comunicação, das 832 dissertações/teses produzidas, 3,6% abordavam a temáticas educacional, excluindo neste percentual um grande número de produções na área de arte-educação preocupadas com essa temática.

É interessante observar que, hoje, verificando o catálogo de Teses em Educação, publicado pela Anped e INEP, em 1990 (ANPED, 1993) além da UFRJ e USP, somente as seguintes instituições produziram alguma dissertação e tese sobre a temática: UNICAMP, IESAE, PUCRJ, UCPetropolis, UERJ, o que nos possibilita inferir que, efetivamente, a produção sobre a temática, nas Faculdades de Educação, era restrita a poucas instituições. Hoje, isso já não é mais a realidade, como podemos ver, tanto pelos dados das mesmas duas universidades (USP e UFRJ), como pelo incremento e disseminação da pesquisa sobre a temática constatada, entre outras formas, pela presença dessas instituições no GT 16 da Anped.

Muita coisa mudou, seguramente, e considero que o GT16 tem uma contribuição significativa nesse sentido. Claro está que não acreditamos que ele tenha sido o único responsável por essa mudança, mas fica evidente que a aglutinação dos pesquisadores

¹²O referido texto inspirava-se numa expressão do livro *Comunicação e Educação: caminhos cruzados*, organizado por Margarida Kunsch (1986), da Escola de Comunicação e Artes da USP.

nesse espaço de articulação acadêmica contribuiu para um incremento na ação das Faculdades de Educação, nesse campo.

Fizemos uma tentativa de identificar a produção nesse campo, entendido, já aqui, de forma mais ampla, nas mesmas Faculdades de Educação e Comunicação, das Universidades de São Paulo e Federal do Rio de Janeiro. Creio que não fomos bem-sucedidos nessa busca uma vez que, apesar de termos os dados da produção de ambas universidades, todos já disponíveis *on-line*, no entanto, percebemos que o próprio tema ganhou uma dimensão tão ampla que já não é possível identificar claramente o que é, efetivamente, pesquisa no campo da educação feita na comunicação, e vice-versa. O que fica evidente nos dados (2005/2006), é que, tanto no campo da Comunicação como da Educação, percebemos um incremento na pesquisa sobre a temática do nosso GT. Óbvio está que essa última frase leva-nos à pergunta que tem nos acompanhado, particularmente nos últimos anos, e que encerrará esse nosso texto, como uma forma de provocação, que espero ser recebida com uma saudável discussão: qual é mesmo o foco temático do GT 16 da Anped? Ele deve ter um foco mais fechado ou deve continuar amplo como vindo sendo?

O número de Instituições de Ensino Superior presentes em nosso grupo é indicativo da ampliação da preocupação com a temática, em termos regionais, evidenciando o envolvimento de Programas para além daquelas 13 Instituições iniciais presentes na primeira reunião, em 1991. Temos hoje pesquisadores ligados a 65 Instituições de Ensino Superior, cobrindo várias unidades da Federação e diversas Instituições do Brasil.

É, ainda, importante destacar que a temática, ao longo desses anos, vem sendo intensamente discutida em outros fóruns, que não os da educação, ou pelo menos, que não aqueles, como a Anped, mais voltados para a pesquisa em educação. A Associação Brasileira de Tecnologia Educacional (ABT) pode ser considerada a pioneira nesse campo, tendo sido já denominada Associação Brasileira de Teleducação, instituída em julho de 1971, e, até hoje, atuando na área, com a presença de educadores e comunicadores. A ABT, desde 1969, realiza os Seminários Brasileiros de Tecnologia Educacional, tendo os dois primeiros seminários sido realizados no Rio de Janeiro, em 1969 com o tema *Teleducação de Adultos* e, em 1970, com o tema *Objetivos da teleducação*.

No campo da Comunicação, a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), também vem tratando do tema, tendo sido criada dois anos antes que a Anped, em 1977. Na Intercom, a organização da Associação em torno de grupos de pesquisa se dá a partir do ano 2000, com a implantação de todos os seus Núcleos, incluindo o de *Comunicação Educativa*, criado, conforme descrito em sua home-page, “em decorrência das crescentes demandas para se estudar e interferir nas ações educativas e formadoras que, hoje, se encontram profundamente marcadas pelos mais variados sistemas e processos comunicacionais,” com o objetivo de “identificar referências teóricas e metodológicas que possibilitem avançar a reflexão deste novo campo, considerando que ele possui singularidades que compreendem, mas não se

reduzem, ao já praticado na pesquisa levada a termo nos âmbitos da comunicação e da educação."¹³

Equivalente ao que é a Anped para a Educação, a Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós) foi fundada em 1991, não tendo sido identificado nenhum trabalho apresentado que tenha discutido, especificamente, algum aspecto ligado à educação.

A temática também é objeto de estudos e intervenções na União Cristã Brasileira de Comunicação (UCBC), fundada em 1969, que "congrega profissionais, estudantes, pesquisadores, professores de comunicação e a mídia impressa secular e religiosa, buscando ser um espaço de encontro, de intercâmbio, de definição de políticas e processos comunicacionais e de educação para a comunicação (cf. cap. I, art. 1 do Estatuto)."¹⁴

Correndo em paralelo, e agora ganhando cada vez mais espaço, por conta da intensificação do uso das TIC na sociedade contemporânea, encontramos a área da Ciência da Computação, que desde muito volta-se para a pesquisa sobre educação. Esta sempre foi uma temática que envolveu bastante os profissionais da informática, e uma análise da história da informática educativa no país nos leva à década de 70. Três importantes números da Publicação *Em Aberto* do INEP, tratam da questão: em 1982 sobre *Tecnologia Educacional* (ano I, nº 7, jun/82); em 1983, sobre *Educação e Informática* (ano II, número 17, jul/83); e, em 1993, sobre *Tendências na Informática em Educação* (Ano XII, nº 57, jan/mar 1993). Essas publicações fazem uma panorâmica da área; e, particularmente na relação da Ciência da Computação com a Educação, merecem destaque os artigos de Eduardo Chaves, à época diretor da Faculdade de Educação da UNICAMP (CHAVES, 1983), do ex-Reitor da Universidade Federal de São Carlos e Membro do Conselho Federal de Educação, Heitor Gurgulino de Sousa (SOUZA, 1983), Múcio Álvaro Dória, à época Subsecretário de Serviços da Secretaria Especial de Informática da Presidência da República (DORIA, 1983) e de Nélio Parra, professor da Faculdade de Educação da USP (PARRA, 1983). Dez anos depois, podemos também destacar os textos de José Armando Valente, do Núcleo de Informática Aplicada à Educação da Unicamp (VALENTE, 1993), de Maria Candida Moraes, da Secretaria de Ensino Médio e Tecnológico/MEC (MORAES, 1993) e o de Neide Santos, da COPPE/UFRJ (SANTOS, 1993). Todos esses artigos trazem uma

¹³ <http://www.intercom.org.br/pesquisa/educativa.shtml>. Acesso em 20/06/2007.

precisa retrospectiva e análise da aproximação da Ciência da Computação com a Educação, resgatando os primeiros movimentos no Brasil e os impasses colocados para o campo durante a segunda metade do século XX. Com isso, é possível perceber que a temática dos computadores está presente na educação, praticamente desde a década de 70, mais particularmente a partir das pesquisas e do desenvolvimento da linguagem Logo, sob a liderança de Seymourt Papert, no Instituto de Tecnologia de Massachusettes (MIT), nos Estados Unidos¹⁵.

Voltando à Sociedade Brasileira de Computação (SBC), fundada em julho de 1978, é importante ressaltar que essa sociedade científica já realizava, ao mesmo tempo que lutávamos para a criação do GT 16 na Anped, o I Simpósio Brasileiro de Informática na Educação (SBIE), ocorrido no Rio de Janeiro em 1990.¹⁶ A Revista Brasileira de Informática Educativa (RBIE), ligada à SBC, foi lançada em setembro de 1997, constituindo-se num importante espaço de publicação de pesquisa na área.

Mais recentemente, surgiu a Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED), criada em junho de 1995, sob forte liderança do grupo de profissionais vinculado à *Escola do Futuro* da Universidade de São Paulo e que, como o próprio nome já diz, concentra-se no tema da educação a distância, tema que começa a ser tratado pelo GT16, em nossa opinião, de forma ainda tímida.

Podemos, por outro lado, admitir que a relação da educação com a comunicação pode ser retomada desde o nascimento do sistema de rádio e depois de televisão no país. Tanto um como o outro, no Brasil, já nascem educativos, o que não quer dizer que desempenhem a contento essa tarefa. Com isso, as emissoras ditas comerciais foram atuando de forma a não se preocuparem com os aspectos educacionais mais formais, apenas veiculando o que lhes era obrigado por força da lei, de uma maneira geral, em horários muito pouco nobres. É importante destacar a dissertação de Regina Mota (orientada por Jamil Cury, na Faculdade de Educação da UFMG), na qual ela transcreve o artigo 51 do Decreto 16.657, de 5 de novembro de 1924, que introduz a regulamentação, pela primeira vez, das estações de radiodifusão no Brasil estabelecendo

¹⁴ <http://www.ucbc.org.br/institucional.asp>. Acesso em 25/06/2007.

¹⁵ Foi muito divulgado e usado o seu livro *Mindstorms: children, computer and powerfull ideas*, publicado em 1980, traduzido no Brasil nesse período por Valente em 1985 com o título *Logo: computadores e educação*

¹⁶ <http://www.sbie.org.br>

que a "diffusão rádio-telephonica" é "exclusivamente de fins educativos, científicos, artísticos e de benefício público" (MOTA, 1992, p. 14). Somente na década de 60 o governo começa a implantar um sistema de televisões educativas, "como um subproduto da TV Comercial" quando o "Conselho Nacional de Telecomunicações criou o Fundo de Financiamento de Televisão Educativa – a Funtevê, destinado a prover recursos para financiar a instalação e a manutenção de um Sistema Nacional de Televisão Educativa – SINTED" (MOTA, 1992, p. 27/8). A primeira televisão educativa no Brasil foi exatamente um televisão universitária, vinculada à Universidade Federal de Pernambuco, fundada em 1967. (MAGALHÃES, 2007). Na década seguinte, implanta-se a TVE do Rio de Janeiro, emissora do governo federal ligada à antiga Fundação Centro Brasileiro de Televisão Educativa (FCBTVE). Em 1975, depois de produzir, "por quase dez anos, programas educacionais veiculados por emissoras comerciais, o Departamento Nacional de Telecomunicações (Dentel) autorizou o funcionamento da TVE, Canal 2, emissora de televisão pública. A primeira transmissão foi realizada no dia 5 de novembro e teve como principal atração a exibição do bem-sucedido 'João da Silva', um curso supletivo sob a forma de novela, com roteiro inovador baseado na dramatização de conteúdos pedagógicos e acompanhado de material didático".¹⁷

Vemos, assim, o quão forte é essa relação da televisão com a educação, e isso foi se manifestando nas primeiras pesquisas que relacionam esses campos e, por isso mesmo, teve forte presença no início do GT16.

Mapear e navegar em busca de novos territórios

Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa:

"Navegar é preciso; viver não é preciso."¹⁸

Quero para mim o espírito desta frase, transformada

A forma para a casar com o que eu sou: viver não

É necessário; o que é necessário é criar.

Não conto gozar a minha vida; nem em gozá-la penso.

Só quero torná-la grande, ainda que para isso

¹⁷ " http://www.tuneldotempo.inep.gov.br/1970/tx_1975.htm. Acesso em 20/06/2006.

¹⁸ Frase famosa, dita por Pompeu, conforme nos relata Plutarco (Vidas, Pompeu, 50). Cf. site do Prof. Claudio Moreno, em http://www.sualingua.com.br/01/01_navegar.htm. Acesso em 20/06/2007)

Tenha de ser o meu corpo e a minha alma a lenha desse fogo.

Só quero torná-la de toda a humanidade; ainda que para isso

Tenha de a perder como minha.

Cada vez mais assim penso. Cada vez mais ponho

Na essência anímica do meu sangue o propósito

Impessoal de engrandecer a pátria e contribuir

Para a evolução da humanidade.

É a forma que em mim tomou o misticismo da nossa Raça.¹⁹

Mapear alguma coisa é importante para que possamos conhecê-la melhor, e isso pode servir para uma mera satisfação da curiosidade, por certo, mas não só. Ao mapearmos um território, a área, um campo geográfico ou teórico, além de o conhecê-lo melhor, começamos a ter novas possibilidades, já com um plural mais pleno, de navegar e transitar por esses espaços. Nesse caminhar, encontra-se e reecontra-se com os ditos e os não-ditos, e, no nosso caso, com a produção científica que foi dando sustentação teórica ao GT16 da Anped.

Mas, para mapear e depois navegar por esses mares, é importante deixar claras nossas concepções de sociedade e de história. Como afirma Gianni Vattimo, "a história, no único modo que o Ocidente consegue concebê-la e vivê-la, é a história da secularização. Assim, um dos pais do historicismo moderno, Giambattista Vico, vê o sentido da evolução da civilização humana como uma passagem da era dos deuses à era dos heróis e, enfim, à era dos homens." (VATTIMO, 1999, p. 63) Não queremos, com esse trabalho, buscar acompanhar o progresso e as linhas determinadas e determinantes da produção científica nesse campo, e além disso, sabemos assim como Vattimo, que "o sentido da história da modernidade não é o progresso rumo à perfeição final da plenitude, da transparência total, da presença finalmente realizada da essência do homem e do mundo", numa espécie de "direção unitária da história da humanidade" (p. 55). Ao analisar a filosofia e o declínio do Ocidente, Vattimo apresenta sua crítica à Modernidade que tinha como base "a idéia de que a história tinha um sentido progressivo, sendo uma via mais ou menos misteriosa, guiada por uma racionalidade providencial, sempre se aproximando da perfeição final." (idem, p. 55). Numa outra perspectiva, o que nos propusemos a fazer aqui, é dar "mais atenção ao qualitativo do que o quantitativo, mais atenção à palavra do outro do que uma visão precisa do objeto" (idem, p. 66). Queríamos superar essa visão e o resgate que aqui fizemos foi, portanto, exatamente na perspectiva de ver as contradições, as diferenças, as possibilidades passadas e futuras que nos permitirão, quem sabe, e sem um enrijecimento do campo, abrigar novos saberes, novas práticas, novas frentes de pesquisa que possam contribuir com uma reflexão profunda sobre a educação e sua relação com os demais campos do

¹⁹*Navegar é preciso*, poema de Fernando Pessoa capturado em <http://www.fpessoa.com.ar/poesias.asp?Poesia=036>. Acesso em 20/06/2007.

conhecimento.

A tarefa que nos foi dada foi facilitada, como já mencionado, pelos trabalhos que nos antecederam, que analisaram a produção do GT²⁰, além do trabalho já citado de Raquel Goulart Barreto e Glaucia Guimarães (2006). A partir da análise desses trabalhos, podemos perceber que os primeiros anos, efetivamente, foram dedicados à apresentação de pesquisas que tinham como base a relação da educação com a comunicação, associada de forma muito intensa aos denominados Meios de Comunicação de Massa. Na primeira reunião, ocorrida em 1991, o conjunto de trabalhos estava concentrado nessa temática. Percebe-se, claramente, a tensão que já se anunciava entre o campo que predominava e que representava o que se pesquisava na época nos Programas de Pós-Graduação (tanto de Comunicação como de Educação) e o que já tensionávamos incluir com o tema da *Hipermídia e educação: algumas pesquisas e experiências*, convidando Brasilina Passareli, do projeto *Escola do Futuro*, à época parte da Escola de Comunicação e Artes da USP. O outro trabalho encomendado nesse ano foi para Maria Luiza Beloni, na época no Departamento de Sociologia da UnB, com o trabalho *Formação do telespectador: uma experiência de Educação para a mídia*. Antevemos, com esses dois trabalhos, o movimento do grupo na busca de sua identidade, ou, quem sabe, de suas identidades.

A partir desse momento, o GT consolidava-se e podíamos perceber que o enfoque do grupo ia se transformando, como aliás, transformava-se a sociedade, ganhando, cada vez mais, ênfase a temática das chamadas *Novas Tecnologias da Comunicação* (NTC) que, posteriormente, foi denominada de *Tecnologias da Informação e Comunicação* (TIC). Mas esse movimento ainda incomodava e, volta à memória o alerta de Marília Franco que "só pode ter sido o inconsciente coletivo dos educadores que determinou além mar e aqui também, cortar o fascínio para afastar o perigo." (FRANCO, 1988, p. 38). Crescíamos e crescia a pressão para "cortar" o GT. Em depoimento para esse trabalho, Vani Kensky, coordenadora entre os anos 1992 e 1994, afirma: "em 1993 ou 94, quando o grupo ainda não tinha volume suficiente de trabalhos e apresentava todos em duas ou três sessões... fui consultada informalmente por membros da diretoria da época que estavam com vontade de encaminhar à assembléia solicitação para fechamento do GT. Diziam que a temática (educação e comunicação) **não estava**

²⁰ O texto de análise dos 11 anos do GT realizado por Heloisa Dupas Penteado (PENTEADO, 2002); o texto *A produção científica da e Intercom no GT Educação e Comunicação*, de Solange Puntel Mostafa e Luis Fernando Máximo (MOSTAFA, 2003); o texto de Rosane Aragón Nevado e equipe, da UFRGS, intitulado *Um recorte no Estado da Arte: O que está sendo produzido? O que está faltando segundo nosso sub-paradigma?* (NEVADO, 2001); e, o Projeto de Dissertação de Silví da Costa Pereira, *Mídia-educação no contexto escolar: mapeamento crítico dos trabalhos realizados nas escolas de ensino fundamental em Florianópolis*, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (PEREIRA, 2007).

dando retorno e que não ia pegar"²¹

Os trabalhos que analisaram a produção do GT16 anteriores a esse, buscaram elaborar categorias e, cada uma a sua maneira, foi construindo o movimento da produção acadêmica no campo. Podemos identificar no trabalho de Rosane Aragón Nevado as seguintes expressões como definidoras dos campos de pesquisa: aprendizagem e interatividade, formação de professores, usos da telemática, educação a distância e professores colaborativos e cooperativos (NEVADO, 2001). Solange Puntel Mostafa e Luis Fernando Máximo identificaram nos trabalhos da Anped e da Intercom três fórmulas discursivas, a saber: humanismo, criticismo e pós-criticismo (MOSTAFA, 2003). Para Heloísa Dupas Penteado, o que se encontrou nos 11 anos do GT foram trabalhos sobre tecnologias interativas, ambientes virtuais de aprendizagem, educação a distância e ciberespaço. Segundo ela, "passamos das tecnologias massivas para as interativas" (PENTEADO, 2002) e creio que, analisando os trabalhos até os dias de hoje, podemos constatar que, efetivamente, entramos totalmente na investigação e discussão das tecnologias interativas em nossos Programas, no entanto, ainda não de forma intensiva. Mirza Toschi, por sua vez, indicava que o "interesse maior recaia sobre televisão, vídeo, imagens, Escola de Frankfurt" (TOSCHI, 2001, 6). Além disso, apontava que a inserção do GT no universo do digital se deu a partir de 1993, com a presença de Manoel Moran e Frederick Litto, ambos da ECA/USP, que se associaram ao grupo incorporando reflexões sobre o computador e a informática". No entanto, não foi possível localizar a presença desses professores no GT, nem trabalhos apresentados nas reuniões anuais e, o que, de fato, podemos perceber pela análise dos trabalhos apresentados é que, fora o trabalho encomendado para a reunião de 1992 (*Hipermídia*), o grupo só começa a receber mais intensamente produções do que poderíamos incluir na temática das *tecnologias da informação*, a partir da reunião de 1997. Outro trabalho, esse bem mais recente, que também busca uma tentativa de análise de tendências, com a busca de identificação de algumas categorias, é o projeto de dissertação de Silvio da Costa Pereira. Ele propõe uma classificação nas seguintes categorias: produção de mídia, leitura crítica, representação da mídia nos materiais didáticos, formação de professores, mediações e produção de sentido, letramento, uso das mídias como

²¹email pessoal, enviado em 26/06/2007, grifo nosso.

ferramenta de ensino, interfaces entre comunicação e, educação, e educação com, sobre e através das mídias. (PEREIRA, 2007, p. 180).

Foram diversas as metodologias usadas nesses trabalhos, cada qual com o seu mérito. Preferi optar por estabelecer uma visão mais panorâmica da nossa produção, em vez de adotar uma dessas classificações. Vale salientar, antes de abordar as perspectivas para o GT e para a própria área, que a tarefa de estabelecer indicadores e categorias não é fácil. Isto se intensifica num campo de abrangência como o do GT que pretende articular, no mínimo, a educação com a comunicação, telecomunicações, artes e cultura. Porém, isso não nos inibiu de fazer um esforço de aproximação. Realizamos uma leitura dos títulos, resumos e trabalhos integrais disponíveis, não fazendo distinção, para essa abordagem, entre encomendados ou submetidos, sejam eles orais ou pôsteres, porque, o que queremos é construir um *olhar panorâmico* que possibilitasse uma análise do nosso movimento até agora e, com isso, buscar novas pistas, novos campos e novas abordagens para os trabalhos do GT, especialmente para os encomendados e para as nossas intervenções nas sessões especiais. Assim, de posse de toda a programação²², buscamos indicar grandes grupos temáticos, os quais não chegariam a ser categorias. Aglutinamos trabalhos em torno de grandes grupos (enfoques/objetos de pesquisa) e, para dar uma idéia mais visual ao nosso movimento, denominamos esses grandes grupos por uma única *palavra representativa*, conforme o quadro abaixo:

Descrição (tentativa) dos enfoques	Palavra representativa (natureza do trabalho)
Pesquisas teóricas mais abrangentes sobre os processos comunicacionais e sua relação com a educação	teóricos
Análises e avaliação de projetos específicos	projetos
Análises e avaliação de políticas públicas	políticas
Pesquisas mais ligadas às artes (ou arte-educação)	artes
Análise da mídia (tv, vídeo, jornais, consumo, publicidade)	mídia
Linguagens, especificamente da mídia ou mais amplas como literatura, questões do corpo, entre outros	linguagens
Museus, centros e ensino de ciências	ciências
Processos de divulgação no campo das ciências	divulgação
Formação de professores	formaprof
História, filmes, imagem e fotografia (e mesmo o vídeo), seja como registro ou como elemento de pesquisa	filmes
Pesquisa sobre cibercultura, redes interativas e tecnologias da informação e comunicação na perspectiva mais recente. muito associado com a	tic

²²Esses trabalhos estão agora disponíveis, classificados por ano, tanto na página das produções do nosso grupo de pesquisa (<http://www.gec.faced.ufba.br>), como estarão na página do GT 16.

interatividade, inclusão digital e temas correlatos	
Materiais didáticos, inclusive livros, revista e <i>softwares</i> educacionais	m_didáticos
Educação a Distância e educação <i>on line</i>	ead
jogos (<i>videogames</i>)	<i>games</i>

Quadro 2 - descrição das pesquisas

Permitam-nos insistir que não se tratam de categorias rígidas e, mais do que tudo sabemos que muitos trabalhos contemplam duas ou mais “categorias” das anteriormente descritas. Procuramos ver, e aí o olhar é absolutamente nosso, qual poderia ser a categoria que mais fortemente representaria um ou outro trabalho fazendo, assim, a opção de “enquadrá-lo”. Com isso pudemos, utilizando um recurso muito em uso na internet, trabalhar com um *diagrama de nuvens* onde a “palavra representativa” tem um tamanho proporcional à quantidade de trabalhos nela classificados, repito, conjunto de números não rígidos, mas que nos possibilitam uma análise qualitativa na busca por estabelecer uma *fotografia de obturador aberto* (PRETTO, 1985) da realidade da pesquisa nesse campo, ao longo desses últimos anos.

O diagrama de nuvens gerado:

Uma breve leitura do resultado apresentado na figura indica-nos, pelo menos, duas grandes evidências: de um lado a presença forte de pesquisas que estão voltadas para uma reflexão mais teórica sobre a nossa própria temática; de outro, a forte presença, manifesta desde o início do GT, de pesquisas preocupadas com a mídia de uma maneira geral, compreendendo aí, como já explicitamos, diversos aspectos dessa preocupação investigativa (vide quadro anterior). Pesamos ser necessário esclarecer mais uma vez, que não estamos afirmando que as pesquisas que não estão no primeiro grupo (“teóricos”) não tenham um embasamento teórico. Elas foram separadas por conta de identificarmos nas pesquisas aqui “enquadradas” que o objeto das mesmas é a própria temática do GT. Nas demais, existe um objeto ou campo a ser analisado mais específico (análises de programas, políticas, experiências, formação de professores, entre outros), evidentemente que com um embasamento teórico, fortemente vinculado à grande parte das pesquisas do primeiro “grupo”, e que estão subjacentes aos enfoques teóricos e metodológicos escolhidos pelos seus autores.

Além disso, podemos perceber, e isso já foi inclusive objeto de discussão nas próprias reuniões do GT, que o tema das artes – ou arte-educação, se desejarmos - tem tido forte presença no GT assim como tem sido intensa a presença de trabalhos que têm como objeto o ensino e a divulgação da ciência, registrando aqui, inclusive, o dos museus de ciências e de arte.

Evidencia-se, ainda, que as discussões sobre as tecnologias contemporâneas de informação e comunicação se dão de forma tímida mesmo reconhecendo que, pela análise da programação do GT ao longo do tempo, a temática tem tido sua presença aumentada nos últimos anos. Prospectivamente, pode-se inferir que esse é um tema que

tende a crescer, já que tem sido objeto de inúmeras políticas públicas e intervenções na sociedade contemporânea, particularmente no Brasil²³. Por último mas, não menos importante, podemos observar a tímida presença da temática da educação a distância ou da educação *on-line* nas pesquisas apresentadas na Anped. Obviamente que o fato de existir uma Associação específica para o tema, a ABED, pode ser um elemento canalizador dessas pesquisas para os seus próprios eventos. De qualquer modo, esse nos parece ser um tema fundamental e que demandará do GT16 e da Anped como um todo, um olhar mais intenso sobre ele, visto que já começamos a perceber uma intensificação de investigações sobre a temáticas nos Programas de Pós-Graduação em Educação.

Um tema que ainda não vimos ser tratada no GT diz respeito ao *software livre* e as tecnologias livres, mais particularmente o movimento *creative commons*, associado a uma maior discussão sobre as denominadas políticas de inclusão digital. Também aqui, julgamos ser fundamental que se discuta e proponha ações mais indutivas para essas abordagens, por exemplo na organização de sessões especiais sobre o tema.

Como já observado anteriormente, a partir da segunda metade da década de 90 o grupo passou a se integrar de forma mais intensa na denominada sociedade informacional. Os trabalhos apresentados seguramente indicam isso mas, creio que será útil observarmos um pouco o próprio movimento organizativo do GT - e da Anped - na incorporação das TIC em suas práticas de pesquisa. Começamos a utilizar a internet mais intensamente somente a partir de 1999, quando foi criada a lista "oficial" do GT16, utilizando o *Yahoo*, na época despontando como o grande sistema *web* (*email*, listas, banco de dados, buscador, etc) disponível gratuitamente. A nossa lista foi criada em junho de 1999. A partir daí, o movimento começou a ser intenso e hoje podemos contabilizar 1.849 mensagens (até 22/06/2006), dando uma média de 230,8/ano o que, se não é um número extremamente alto, corresponde a um razoável movimento comunicacional entre os, hoje, 136 membros da própria lista. Esse número não corresponde exatamente ao número de membros ativos, mas possibilita-nos ter uma idéia do número de profissionais que atuam no campo e demonstram, ou pelo menos demonstraram, um interesse na temática e na Anped.

É interessante observar que o início dessa arrancada de ocupação do ciberespaço se dá de forma muito tímida, ao longo de todo o ano de 1999 e o ano de 2002 pode ser considerado o ano de maior mobilização na lista. Em dois momentos desse último ano,

²³Não cabe abrir uma nova frente de discussão nesse momento mas gostaríamos de deixar registrado o expressivo número de trabalhos apresentados no 18º Encontro Nacional de Pesquisa do Norte e Nordeste (EPENN), realizado em Maceio/AL, em julho de 2007, com um grande destaque para os temas da Educação a Distância e das TIC. <http://www.cedu.ufal.br/evento/epenn>

a participação foi intensa, em abril, quando da discussão aberta da proposta de programação da próxima Reunião Anual e quando da divulgação de uma entrevista do professor Marco Silva (UERJ), com a cobrança do mesmo de que o tema e o conteúdo divulgado não havia sido discutido na lista. Essa polêmica gerou manifestação de diversos integrantes e, por isso, o número alto de mensagens no período. O outro momento de *pico* aconteceu em outubro desse ano e por conta da polêmica que poderíamos chamar de *sem medo de ser feliz*, em torno de uma manifestação da atriz Regina Duarte em favor da candidatura de José Serra à Presidência da República, discussão essa que tomou conta da lista até a véspera da eleição, terminando com uma mensagem de Maria Luiza Beloni (UFSC) "Saudações lulistas a todos! Malu", no dia 24 de outubro de 2002, três dias antes do segundo turno, que levou ao Palácio do Planalto Luís Inácio Lula da Silva.

Além disso, foi construída e abrigada nos servidores da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia a primeira página do GT16²⁴ e, atualmente a mesma está sendo reconstruída nos servidores do Centro de Educação da Universidade do Estado do Ceará, sob a coordenação de João Batista Carvalho Nunes que está buscando resgatar todos os trabalhos apresentados, para posteriormente agrupá-los por palavras-chave, criando um banco de dados desenvolvido em *software* livre e, para qual esse trabalho pretende contribuir.

Para mais andar

O percurso histórico realizado possibilitou a identificação das principais frentes de pesquisa que *rondam* o GT 16 da Anped e a sua (ou não!) consistência teórica e política. No entanto, resta-nos levantar algumas questões que, em nossa compreensão, já se constituem aspectos estruturantes para a educação, e que ainda estão distantes do nosso grupo. Referimo-nos, particularmente, a dois grandes grupos que podem, evidentemente, incorporar um conjunto relativamente grande de subgrupos temáticos. O primeiro deles diz respeito à educação a distância. O outro, é a questão do *software* livre e associado a ele todas as questões ligadas às tecnologias livres e a inclusão digital.

No particular da educação a distância, gostaria de dedicar algumas linhas para reflexão no GT. Trata-se da importância que esse tema vem tendo na sociedade em geral e, particularmente no Brasil, em função das políticas públicas em implantação, com destaque para o projeto da Universidade Aberta do Brasil (UAB) e a proliferação de cursos oferecidos a distância pelas instituições privadas de educação, com destaque para a grande quantidade de cursos de licenciatura ofertados, o que demanda de nós, educadores, uma reflexão mais profunda tanto em termos políticos como em termos conceituais. Por outro lado, acompanhamos no país a forte discussão sobre a possibilidade de um enorme investimento na aquisição de *Um Computador para cada*

²⁴ no ar até hoje em <http://www.faced.ufba.br/anped>

Aluno, programa UCA, tema que não vamos desenvolver aqui mas que, certamente, deverá ser objeto de inúmeras pesquisas futuras.

Em uma outra dimensão, a emergência da chamada sociedade do conhecimento tem trazido as tecnologias da informação e comunicação para cada vez mais perto da educação, particularmente com políticas públicas que reservam grande quantidade de recursos para essa área, na perspectiva que as escolas sejam "conectadas" com o chamado mundo contemporâneo. Nesse particular, os temas *software livre e licenças criativas* nos parecem fundamentais para a educação, demandado de nós um maior debruçar sobre eles, de forma a possibilitar uma intensificação da produção de investigações dessas temáticas no âmbito da educação.

Esse resgate histórico, agora de novo na primeira pessoa, foi uma viagem no tempo e no espaço, que incluiu o universo da cibercultura para que me permitisse, nesses 30 anos da Anped e 16 do *GT Educação e Comunicação*, buscar contribuir para um repensar sobre o nosso caminhar, sem desconsiderar o já percorrido, nem considerá-lo certo ou errado. O que desejei foi contribuir para que o próprio grupo, olhando para dentro de si, pudesse, não só pensar sobre seus próprios rumos como também pensar e propor novas questões em seus Programas de origem, e que essas reflexões possam, efetivamente, contribuir para o avanço das diversas linhas de pesquisas implantadas ou a serem constituídas. Afinal, buscamos conhecer, cada vez mais, para contribuir com a sociedade, não de uma posição superior, mas com ela estabelecendo um diálogo permanente, aberto e franco.

Dessa forma, essa foi apenas uma compreensão entre muitas, que corresponde à leitura de um pesquisador singular, sobre aquilo que considerou importante nesses 16 anos. Uma leitura, portanto, "sobre as importâncias". Melhor do que eu, Manoel de Barros:

Uma rã se achava importante

Porque o rio passava nas suas margens.

O rio não teria grande importância para a rã

Porque era o rio que estava ao pé dela.

Pois Pois.

Para um artista aquele ramo de luz sobre uma lata

desterrada no canto de uma rua, talvez para um

fotógrafo, aquele pingo de sol na lata seja mais

importante do que o esplendor do sol nos oceanos.

Pois Pois.

Em Roma, o que mais me chamou atenção foi um

prédio que ficava em frente das pombas.

O prédio era de estilo bizantino do século IX.

Colosso!

Mas eu achei as pombas mais importantes do que o prédio.

Agora, hoje, eu vi um sabiá pousado na Cordilheira dos Andes.

Achei o sabiá mais importante do que a Cordilheira dos Andes.

O pessoal falou: seu olhar é distorcido.

Eu, por certo, não saberei medir a importância das coisas: alguém sabe?

Eu só queria construir nadadeiras para botar nas minhas palavras.

Com as nadadeiras de Manoel de Barros, gostaria de poder fazer com que minhas palavras e a leitura que fiz desses anos, pudessem fazer eco no nosso GT – quem sabe em toda a Anped! - e em todos aqueles que pensam sobre a temática de investigação dos profissionais que aqui se agrupam. Sem dúvida, uma temática ampla e que nos demanda, hoje muito mais do que ontem, começar, cada reunião anual do GT16, com a nossa permanente pergunta: qual deve ser mesmo o foco temático do GT 16 da Anped? Ele deve ter um foco mais fechado ou deve continuar amplo como vindo sendo?

Referências

- ANDRADE, A. A. M. de. Política e afeto na produção de identidades e instituições: a experiência potiguar. *Revista Brasileira de Educação*, scielo, 2005.
- ANPED; INEP. *Teses em Educação – 1990*. Porto Alegre/RS, ANPEd e INEP, 1993.
- ANPED. Boletim da Anped – 12º Reunião Anual – 08 a 129/05/1989. Reunião Anual da Anped, Belo Horizonte/MG, 1989.
- ANPED. 15ª Reunião Anual. *Reunião Anual da Anped*. Caxambu/MG, 1992.
- BABIN, P.; Kouloumdjian. M. *Os novos modos de compreender: a geração do audiovisual e do computador*. São Paulo, Ed. Paulinas, 1989.
- BARRETO, R. G.; GUIMARÃES, G. (Org.) As tecnologias da informação e da comunicação na formação de professores, *Revista Brasileira de Educação* v. 11, n. 31, p. 31-42, 2006.
- BARROS, M. *Tratado geral das grandezas do ínfimo*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- CHAVES, E. O. C. Computadores: máquinas de ensinar ou ferramentas para aprender? *Em Aberto*, v. 2, n. 17, p 9-15, 1983.
- CURY, C. R. J. Quadragésimo ano do parecer CFE n 977/65. *Revista Brasileira de Educação*, v. 30, p. 7-20, 2005.

- DORIA, M. A. Informática na Educação, *Em Aberto*, v. 2, n. 17, p. 17-22, 1983.
- FERNANDES, C. T.; SANTOS, N. Pesquisa e Desenvolvimento em Informática na Educação no Brasil – Parte I. *Revista Brasileira de Informática na Educação*. v. 04, 1999.
- FERRARO, A. R. A Anped, a pós-graduação, a pesquisa e a veiculação da produção intelectual na área da educação, *Revista Brasileira de Educação*, p. 47-69, 2005
Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782005000300005&nrm=iso. Acesso em 25/05/2007.
- FRANCO, M. Escola Audiovisual, São Paulo: Universidade de São Paulo/Escola de Comunicação e Artes, Tese (doutorado), 1988.
- Grandes Grupos põem em cheque a pluralidade da mídia. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 23 set. 2001, p. A4.
- GARCIA, W. (Org.). *Inovação educacional no Brasil*, Campinas: Autores Associados, 1995.
- GATTI, B. A. Implicações da pesquisa educacional no Brasil contemporâneo. *Cadernos de Pesquisa*, v. 113, p. 65-81, 2001.
- GOERGEN, P. A pesquisa educacional no Brasil: dificuldades, avanços e perspectivas. *Em Aberto*, v. 5, n. 31, p. 1-18, jul./set. 1986.
- GOUVEIA, A. J. A pesquisa educacional no Brasil, *Cadernos de Pesquisa*, v. 1 n. 1, p. 48, 1971.
- HERZ, D. *História Secreta da Rede Globo*. Porto Alegre: Tchê, 1987.
- KUNSCH, M. (Org.) *Comunicação e educação: caminhos cruzados*. São Paulo: Loyola, 1986.
- MAGALHÃES, C. *TV Universitária: uma televisão diferente*. Disponível em http://www.abtu.org.br/default_visualiza_noticia.asp?codigo=177%20, acesso em 24/06/2007.
- MORAES, M. C. Informática Educativa no Brasil: um pouco de história. *Em Aberto*, v. 12, p. 17-26, 1993.
- MOSTAFA, S. P.; MÁXIMO, L. *A produção científica da Anped e Intercom no GT Educação e Comunicação*. Ci. Inf. v. 32, p. 96-101, 2003.
- MOTA, M. R. *TV Pública: a democracia no ar*. 1992 Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte.
- NEVADO, R. A.; FAGUNDES, L. et al. Um recorte no estado da arte: o que está sendo produzido? o que está faltando segundo nosso sub-paradigma? In: *Simpósio Brasileiro de Informática na Educação*, Vitória/ES, 2001.
- OLIVEIRA, R. *Informática educativa: dos planos e discursos à sala de aula*. Campinas: Papirus, 1997.
- PARRA, N. Informática e Educação. *Em Aberto*, v. 2, nº 17, p. 23-29, 1983.
- PENTEADO, H. D. A história do GT Educação e Comunicação. *25ª Reunião Anual da Anped - Grupo de trabalho Educação e Comunicação*, 11anos de GT16: 11 a 24,

- PEREIRA, S. C. *Mídia-educação no contexto escolar: mapeamento crítico dos trabalhos realizados nas escolas de ensino fundamental em Florianópolis*. Projeto de Dissertação (Qualificação) de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2007.
- PRETTO, N. D. L. Educação e Comunicação: cruzando caminhos?! *14º Reunião Anual da Anped*, mimeo, 1991.
- SANTOS, L. G. *Desregulagens, educação, planejamento e tecnologia como ferramenta social*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- SANTOS, N. Computadores na Educação: discutindo alguns pontos críticos. *Em Aberto*, v. 12, nº 57, p. 27-31, 1993.
- SOUZA, H. G. de. Informática na Educação e Ensino de Informática: algumas questões. *Em Aberto*, v. 2, n. 17, p. 1-8, 1983.
- TOSCHI, M. S. Grupo de Trabalho Educação e Comunicação - dez anos. *24º Reunião Anual da Anped*. Caxambu/MG, Gráfica e Editora Vieira, 2001.
- VALENTE, J. A. Diferentes usos do computador na educação. *Em Aberto*, v. 12, p. 3-16, 1993.
- VATTIMO, G. A filosofia e o declínio do Ocidente. *Para navegar no século XXI: tecnologias do imaginário e cibercultura*. Porto Alegre, EDIPUCRS: p. 43-54, 1999.

(*) Nelson De Luca Pretto, é professor e Diretor (2000/2004 e 2004/2008) da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia. Doutor em Comunicação pela ECA/USP (1994). Pesquisador do CNPq. Home-page: <http://www.pretto.info>
Correio eletrônico: nelson@prezzo.info

(**) participaram mais intensamente da pesquisa para a produção desse texto os bolsistas (PIBIC/CNPq) Darlene Almada, Dart Araújo, Fabricio Santana, Gessica Aragão e Tiago Figueiredo. Contamos também, com o envolvimento de todo do grupo de pesquisa *Educação, Comunicação e Tecnologias*. Este texto é parte integrante das pesquisas *Políticas Públicas Brasileiras em Educação, Tecnologia da Informação e Comunicação* (2003/2007) e *Políticas Públicas Brasileiras em Educação e Tecnologia da Informação e Comunicação: superando as tecnologias educacionais* (2007/2010), apoiadas pelo CNPq.

Especial agradecimento a Iracy Picanço, Mary Arapiraca e Dinea Sobral Muniz (UFBA/Faced). Também a agradeço aos colegas que contribuíram com esse trabalho: ABT, Fernanda Bruno (Compós), Antonietta Nunes, Regina Antoniazzi, Heloisa Dupas

Penteado, Vani Kensky, Edvaldo Couto, Maria Helena Bonilla, Mirza Toschi, Paulo Gileno Cysneiros, Marcia Angela Aguiar, Antonio Flávio Moreira, Lourdinha Fávero, secretaria geral da Anped, secretarias dos Programas de Pós-Ggraduação das Faculdade de Educação e Escola de Comunicação das Universidade de São Paulo e Federal do Rio de Janeiro.